

Experiência como designer na "Residência artística" de Saint-Louis du Senegal

Rita Filipe^a

O meu interesse em fazer uma residência artística em Africa surgiu como uma oportunidade de contactar com artesãos e com uma cultura local diferente, inserida num ambiente criativo propício, orientada por pessoas que conhecem bem o lugar e os autóctones, num contexto de trabalho onde interagem artistas fotógrafos e eu como designer em total disponibilidade, interesse pelas questões levantados por uns e outros, em ambiente de comunicação e entreaajuda.

Jarmo, um finlandês doutorado em línguas africanas, e dono da residência, conhece bem a cidade e a comunidade local. E tem contactos com artesãos, tendo-se apressado a apresentar-me alguns com oficinas ali perto, como no caso do serralheiro que fez a mesa com os cestos que comprei no mercado de Mpal, uma oficina têxtil onde me falaram sobre a influência dos portugueses que no séc. XVII pediam tecidos mais vistosos para vender no Brasil, e conduzindo-me pela primeira vez pelos labirintos dos mercados de rua, entre tecidos, frutas, peixe ou painéis de alumínio.

Comecei portanto por visitar os mercados e conheci alguns artesãos, evitando no entanto os mais dados ao ready-made - como crocodilos feitos com correntes de bicicleta ou peneiras com latas de alimentos. Porque estava mais interessada nas formas e usos da cultura tradicional e não na reciclagem de produtos industriais.

Consciente do método etnográfico e do papel de interlocutora cultural a que me tinha proposto, entrei pelos mercados a dentro, desinibida pelos conselhos do Jarmo, de que ninguém me faria mal nenhum, e que não tivesse receio de entrar pelos labirintos adentro.

Assim, o trabalho começou com a identificação de formas e técnicas locais, costumes tradicionais e práticas que se pudessem revelar pertinentes novamente nos dias de hoje, como designer-antropóloga, a fazer trabalho de campo inserida no universo da cultura material local, com vista a novas possibilidades produtivas. Tentei estabelecer cumplicidades e trocas de trabalho com artesãos locais, e produzir objetos que reflitam preocupações e usos comuns. Estabelecer relações culturais e uma vivência em comum através dos objetos. Conversei com muitos artesãos e feirantes, indagando sobre os usos, for-

mas de fabrico ou origem dos produtos. Cheguei mesmo a ter uma discussão interessante com um artesão sobre a função dos talheres em madeira escura, hoje excessivamente decorados, e já sem uso portanto.

Foi também o dono da residência que providenciou a visita guiada ao mercado de Mpal, por minha sugestão. Aí encontrei uma jovem mulher que vendia cestos leyu, feitos com fibras naturais e fio de plástico com cores vivas. Um cesto impecavelmente feito, com bordos amarelos, que me custou 3.000 francos CFA, (4,50 €). Trata-se de um mercado numa aldeia do interior, onde vendem gado, painéis de alumínio fundidas ali na areia, cerâmica em barro vermelho pintada com cores vivas para queimar incenso, tecidos, roupa usada, ou ferramentas agrícolas. Uma aldeia com casas de tijolo e ruas em terra batida, e sempre a cheirar à árvore de Baobá. Da beleza e da perfeição do cesto plano e do contacto com o serralheiro Monsieur Lamin, rapidamente surgiu a ideia da mesa Leyu.

De regresso a Saint-Louis visitei a *Village des Artisans*, que se compõe de um terreno murado com cubatas em adobe e coberturas em palha construídas pelo governo, destinada a promover o artesanato tradicional em ateliers de artesãos a trabalhar com técnicas tradicionais, como adereços para o corpo em prata, cerâmica, mobiliário e objetos em madeira maciça, tecidos tingidos tipo indigo, ou pintados em batik, e modistas estilistas. A propósito, toda a gente se veste com roupas feitas por medida. Existem quarteirões inteiros de oficinas com costureiros e máquinas de costura, junto a lojas de tecidos e aplicações para roupa, onde escolhendo o modelo do catálogo se fazem os fatos por medida. Há muito pouca indústria. Mesmo nas cidades o mobiliário é feito em madeira maciça, com gravações e embutidos, ou copiando os modelos industriais ocidentais, mas sempre feitos em madeira maciça.

O interesse pela cabaça surgiu com a leitura de um livro¹ existente na residência sobre os povos nómadas onde se descreve a cultura, o quotidiano e os objetos que transportam, e para que servem. Só então reparei nas pilhas de cabaças que se vendiam no mercado, com vários tamanhos e algumas cosidas porque se tinham partido. Pareceram-me um ótimo substituto para os

^a Designer, Professora Auxiliar na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e investigadora no CIAUD. E-mail: ritaalmeidafilipe@gmail.com.

¹ Nomades du Niger, fotos Carol Beckwith, texto Marion van Offelen, Londres: Harvill Press, 1993).

sacos de plástico pretos que me impingiam constantemente no mercado.

Em duas semanas tinha dois projetos concluídos, uma exposição marcada na galeria na última semana de estadia na residência, e estava ansiosa por partir para o norte do Senegal, numa viagem ao longo do Rio Senegal, até Podor. Onde visitaria finalmente o verdadeiro Senegal, longe de uma cidade colonial maltratada. Só mais tarde o antropólogo Filip De Boeck² me explicou o porquê desta estranheza que eu sentia: é que a ocupação destas cidades pelas mulheres e crianças nativas é bastante recente. Só os homens ali tinham emprego, portanto a cidade não lhes pertencia. Daí parecerem pessoas sem ligação afetiva àquelas casas e sobretudo ao espaço público.

Guédé e Ngawlé são aldeias tradicionais construídas em adobe, situadas junto ao Rio Senegal, que cheiram a fresco, em contraste com o cheiro por vezes nauseabundo dos mercados nas cidades. E onde o espaço público parece traçado a régua e esquadro, com uma grande praça e estruturas de sombra onde cabem famílias inteiras. Em Podor chamou-me à atenção uma panóplia de mobiliário em varão de ferro em estilo anos '50, e foi também onde viveu o fotógrafo Oumar Ly que tinha morrido recentemente, e ainda inspira muitos fotógrafos africanos contemporâneos.

Cartas de viagem

03/08/2016

Está tudo bem, os donos da residência são super simpáticos e acompanham-nos imenso. A residência é na 'ilha norte' de Saint-Louis, quer dizer que é entre o continente e a ilha sul. A ilha Sul é junto ao mar, de pescadores, e onde são as

praias e os hotéis turísticos onde ainda não fui. A ilha norte onde estou é a antiga cidade colonial e capital do Senegal até ao início do séc. XX, mas que hoje em dia está muito degradada. Há muitas lojas, mercearias, pequenos bares, várias mesquitas, edifícios do Estado colonial e residências. Aqui não tomam conta do espaço público, não pagam impostos porque ninguém passa recibo (nem no aeroporto para trocar dinheiro), e não fazem reciclagem de nada! (a não ser o artesanato com caricas, crocodilos com correntes de bicicleta, e outros re-usos) O resultado são as estradas rodeadas de plásticos, a cidade e o rio também, e lixo e moscas por todo o lado. E como são pescadores e deixam as entranhas do peixe nos passeios onde os vendem, o cheiro á vezes é agonizante. Algumas ruas são alcatroadas, outras estão degradadas e assim vão ficar (a cidade foi construída há muito tempo... é que eles respondem). Nem pensam na possibilidade de fazer obras.

Ontem estava um bocado em choque, mesmo tendo ido tomar um copo a uma esplanada linda com piscina sobre o rio.

Mas hoje fui á Village Artisanale, onde estão alguns artesãos a trabalhar em remakes de palhotas, parece uma obra 'português suave', mas foi uma surpresa porque são todos híper simpáticos, fizeram-me sentar com eles em cada oficina e quiseram saber do meu projeto e todos querem ajudar. Falam muito sobre o que fazem e porquê e gostam da ideia que os objetos hoje vistos como decorativos voltem a ser usados. Vamos a ver.

Um deles ofereceu-se para me acompanhar a aldeias onde os seus pais e pessoas que conhece constroem mobiliário, e taças feitas com cabaças. Outros trabalham em prata, alumínio, tapetes incríveis com cabedal e palha ou plásticos com cores. Os artesãos são legítimos e têm um trabalho interessante, a 'aldeia' é que é a fingir.

Mas quando a cidade não cheira a lixo, tem um cheiro adocicado que ainda não descobri de onde vem. Talvez das madeiras e dos frutos?

A viagem de Dakar para cá foi muito bonita, o campo (quando não tem lixo) é lindo! Cheio de mangueiras e palmeiras selvagens, que eu nunca tinha visto!

O tempo é realmente muito húmido, estou quase sempre a suar ou peganhenta, tomo vários duches por dia e mudo de roupa. E vou ter que me habituar aos bichos...

Mas a casa é linda, muito rudimentar tipo algarve tradicional, com 2 andares + terraços. E bem decorada também.

Os senegaleses são muito bonitos e bonitas, muito altos, e andam sempre muito bem vestidos e muitas vezes têm um ar moderno. Há muitos



Imagem 1 e 2 - Foto de Oumar Ly (1943-2016), e do seu estúdio de fotografia atualmente em Podor.

² Sammy Baloji e Filip de Boeck estiveram em Lisboa a apresentar a exposição Urban Now: City Life in Congo, na Galeria Municipipla da Av. da Índia em Lisboa, Março 2018



com um ar normal, tipo classe média, que ainda não percebi onde moram. Há um bairro com estradas em terra mas com vivendas muradas, que ainda não fui também. Ainda tenho que perceber o 'esquema', as minhas observações ainda devem ser muito europeias! vou tentar perceber como vivem os que aqui vivem razoavelmente bem, sem se afastarem muito da tradição.

22/08/2016

Aqui vão algumas fotos da viagem a Guédé e a Ngawlé na região de Podor.

O caminho foi lindo, a savana está completamente verde! E a terra é vermelha, algumas vezes aparecem grandes zonas de areia. É uma área extraordinariamente plana. Há muitas pequenas aldeias e sempre muitos pastores com animais. Muitas acácias cheias de ninhos de pássaros. Mas mamíferos selvagens só me falaram nos facocheros.

Aqui as aldeias são limpíssimas e cheiram bem! As construções em terra são lindas, maciças e com arestas arredondas. As casas são frescas por dentro e constroem também alpendres exteriores para estarem durante o dia, também em 'banco' e madeira. Banco é nome que dão aqui às construções em terra. As cozinhas são construções em banco á parte das casas e isoladas no meio da aldeia – de certeza por causa dos incêndios.

Quando chegamos os miúdos invadem-nos e chamam-nos 'tubabe tubabe' (turistas brancos) e riem-se muito quando perguntam o meu nome e digo Rita. Querem ficar nas fotos e ver-se nelas. Os homens mantêm-se á distância e repreendem os filhos, com algum alívio para nós. E as mulheres convidam-nos para o pé delas, com quem me sinto melhor. Mostram-nos as casas e os filhos, e o que cultivam e que vendem nas feiras. Comprei-lhes umas beringelas com ótimo aspeto. E elogiamos-nos os vestidos e os cabelos. Conversa de mulheres. Mas são todos de facto muito bonitos! Tenho algum pudor em fazer fotos, para não fazer de turista, e portanto das pessoas mais bonitas e interessantes não tenho fotos... porque estabeleço uma relação normal com eles, não invasiva portanto... até do interior das casas, agora tenho pena de não ter feito mais fotos. Tenho que me habituar á minha condição de antropóloga-designer!

A primeira foto é do caminho para Guédé e a segunda da mesquita, que foi construída por um arquiteto do Mali ainda no séc. XVIII. As fotos seguintes são da aldeia de Ngawlé. Todas estas aldeias estão á beira do Rio Senegal, que faz a fronteira com a Mauritânia. Aliás, Ngawlé está metade no Senegal, metade na Mauritânia, é a mesma aldeia e pertencem á mesma família. Têm dupla nacionalidade portanto, e atravessam constantemente o rio numas pirogas lindas, compridas e estreitas.



O retrato de família em frente ao alpendre foi o meu elogio ao arquiteto. Porque eu estava convencida que estas construções eram antigas, mas não, foi ele que construiu a sua casa!!!

Dois projetos

Mesa Leyu

Esta é mais uma mesa dobrável inspirada nas mesas de café de Hans Wagner. Elas tornaram-se num arquétipo suficientemente anónimo para deixar brilhar a beleza e o significado de um objeto tradicional tão conhecido como os cestos senegaleses.

A ideia é transpor, traduzir e cruzar heranças culturais que enriqueçam e restituaam significado ao cosmopolitismo da cultura material contemporânea.

Pode ser usada como mesa de café, para pouso de jornais, crochê, como vide-poche ou mesa-de-cabeceira, como usos sugeridos por mesas com cestos de diferentes diâmetros e funduras. Este projeto é atualmente comercializado pela 'Blindesign - Ethical Solutions' em Portugal.

A Cabaça

O regresso do mercado com uma cabaça cheia de frutas e legumes encostada à anca, e de ter expe-

rimentado os olhares de novos e velhos, homens e mulheres, que sorriam para mim ao ver-me com uma cabaça usada da forma tradicional, resolvi atualizá-la.

Fechei a cabaça com tecido para que os frutos não caíssem no transporte e as minhas compras não fossem tão evidentes. As cabaças são também tradicionalmente usadas para guardar



produtos frescos em casa. Também sevem para beber água ou leite.

O tecido foi comprado no mercado e tradicionalmente serve para trazer as crianças às costas, por isso só se vende em tiras de 10 metros.

A senhora de vermelho é quem coze as cabaças partidas e quem coseu o tecido às cabaças que lhe comprei. No fim do projeto apertámos a mão como sócias. Este projeto ficou depositado numa loja de artesanato de senegaleses, como o meu contributo para a atualização do uso da cabaça, a contaminar (ou não...) a cultura material local.